

A Lagrima

D. AURELIA SÁ VIANNA

A «Lagrima», exhibindo hoje o retrato da nossa saudosa patricia D. Aurelia de Sá Vianna, nunca manifestou mais harmonia entre o seu titulo e o sentimento que a domina.

«Lagrima» é o jornal e lagrimas são os aljofres que os olhos destilam para escrever os singelos episodios da vida da nossa sympathica patricia, tão cheia de sentimentos generosos como combatida pelos percalços da adversidade.

O nosso jornal que tem tido a consideração mais aprimorada para os barcellenses illustres, ou para aquelles que são julgados taes pela sua affeição a Barcellos, levanta á distincta finada, nossa contranea, um pequeno padrão, mas em que sobresaem as virtudes mais caracteristicas de uma alma de eleição.

A paz intima do seu coração conjugava-se de maneira tão expontanea com a expressão do rosto que a sua seriedade e a sua meiguice traduziam perfeitamente o valor d'aquelle espirito gentil.

Livres de considerações de qualquer especie, a nossa penina escreve estas linhas em homenagem á virtuosa senhora que foi tão boa como infeliz.

D. Aurelia de Barbosa e Faria de Sá Vianna nasceu a 22 de junho de 1865 na sua casa e quinta da Adega em S. Pedro de Villa Frescainha.

Coração sensível, como os que o são, assistiu á derrocada de toda a familia com resignação de uma santa.

Em 1880 falleceu seu pae, Eugenio Russel de Sá Vianna, que foi escrivão de fazenda em Barcellos e descendente de uma familia presada de Lisboa.

No mesmo anno se finou seu avô Fortunato Xavier de Barbosa e Faria (morgado de Passo Velho).

Em 1888 viu desaparecer sua extremosa

mãe D. Eugenia Julia de Barbosa e Faria Sá Vianna.

Em 1891 falleceram seus irmãos Miguel e Maria, n'uma casa de saude em Lisboa.

Em 1891 foi assassinado no Brazil seu irmão, poeta considerado, Fernando de Sá Vianna, por motivos da revolução, sem que houvesse o mais pequeno motivo contra elle, que era até collaborador do «Paiz», do Rio de Janeiro.

Em 1895 morreu em S. Pedro de Villa Frescainha seu irmão Alexandre, que tinha chegado ha pouco tempo do Brazil.

Como se pôde prever foi a enfermeira dedicada da maior parte das pessoas de sua familia, ficando por fim a chorar as como anjo resignado.

Casou D. Aurelia de Sá Vianna em junho de 1897 com o sr. José Antonio da Costa Figueiredo, de cujo matrimonio houve um filho—seu principal desejo — e talvez causa do fallecimento da sympathica senhora, colhida pela tuberculose.

D. Aurelia Sá Vianna falleceu em 19 de julho de 1898.

O seu pequenito Eugenio, o seu filho bem amado, extinguiu-se cerca de um mez depois.

Assim terminou aquella bondosa senhora que foi o consólo dos seus e que seria uma verdadeira mãe, se a morte implacavel não a ferisse desapidadamente



NEMORIAS DE UM CENTRO

São 2 horas da manhã.

Que maldita insomnia. Ainda não pude pregar olho; aquelle az fatal não me sae da cachimonia. Fiquei sem um vu, como diria o Adolfo.

5 horas da manhã. Que visão! que meiga visão! Uma virgem esbelta como uma palmeira do Egypto, dirige-se para mim offerecendo-me uma tira de papel. Ah! se fosse uma nota de vinte mil réis...

Que despertar; oh! que horror! Arripiam-se-me as carnes e os cabellos. Que prosaica reali-

A LAGRIMA

dade! Vejo diante de mim o diabo do caixairo da mercearia visinha, que ha mais de um mez me persegue sem piedade nem educação. Malditos merceeiros; malditos crédores!

Que desalento, meu Deus! que desalento! Fazei senhor que alguém pèrea *uma de vinte mil réis*—já se vê e qno eu a encontro. Ha por ahi tantos *compras* que podiam e deviam perdê-la... Se não me fazeis este milagre tão facil, passo-me de vez com bagagens e tudo para os positivistas.

7 horas. A minha fé está periclitante, quasi; mas ouço uma voz suave, doce, meiga, acariciadora, que diz como o Arnaldo: não pagueis, filho, por dividas ninguem vae preso...

8 horas. Creio em ti, meu Deus, mas creio tambem na força imperiosa da materia, pois estou com as visceras a aproximarem-se dos centros nervosos.

Tenho um apetite devorador. Vamos, por dividas ninguem vae preso; mais uma ou menos uma... que importa! A Roriz tem bom coração, ella fia um almoço. João Penedo.

NOTAS DA QUINZENA

Já não é de hoje e burro velho torna-se incapaz de andadura...

O indigena da terra prefere á ideia elevada e á prosa de *dandy*, qualquer cousa que, mesmo sem grammatica e sem alcance social, faça cocegas, produza sangue.

Lança voz que ides passando, impertigados, *solemnes*, a vista pelo jornalismo que já fica para o passado e (com tu lo naja de excepção) vereis: no «Barcellense», no «Jornal do Povo», no «Minhoto», na «Gazeta do Povo»—em todos— esta cousa que se chama a questão intrincadamente pessoal!

Esse systema aperrado ao mais desconhecado e pèlitrnico e ridiculo character, que perverte a familia. escrophulizando-a, é o unico que tem possibilidade de sensibilisar em Barcellos o leitor chronico...

O porco não gosta do ninho limpo; prefere o chiqueiro, a lapatice—o engulho:

...E venham fallar-nos em deveres do progresso...

De que valeu a luz a Gallileu nos seus ultimos annos de vida, se não podia utilizar-se d'ella?

Era cego...

Vem isto á téla a proposito da degladição de dous jornalistas, aqui na villa, por causa de espiritos errantes de que são *medium* para os viventes humanos as mezas de pé de gallo, hontem simples mobiliario de nossos avós.

Pergunta-se. O que é o espirito? E' uma cousa que pôde ser incorporea e intelligente, como tambem pôde ter corpo... Espirito de vinho; espirito d'agua ardente e mais.

...Mas estes espiritos não se importunam, bebem-se...

Como se falla para os espiritos dos que se foram, os incorporeos?

Por seis ou oito tostões compra-se um *medium*, que vem a ser uma meza de pé de gallo. Junto d'ella o paciente, com fé de mais que de menos, estende as mãos abertas na parte superior e evoca o espirito:

—«O' Jabel, Jabel, minha querida sógral, Aonde estás?»

—«No inferno.»

—«Coitada! Deixa-te lá estar muitos annos sem nós.»

Os degladiadores luctam de luva branca...

Muito bem!

...Que Barcellos não toma andadura... Tem coinichões por escandalos.

De espiritos prefere Bucellas e de... Colares...

CAMARA SOCIALISTA

Houve hontem a primeira reunião dos socialistas do concelho para resolverem a maneira de organisar a chapa camararia, que vae ser presente ao suffragio, nas proximas eleições.

Empurra-lo para a presidencia o sr. José d' Oliveira, servo do cabido da Real Collegiada, contrata-lôr de madeiras e servidor de chá em bailes de casas particulares, principiou por agradecer a honra que lhe fôra conferida, fazendo-o por tal forma que produziu hilaridade nos assistentes, servindo-se para isso de muitas citações latinas, da Biblia.

Disse elle que assim como não havia caldeira sem hyssôpo, não havia força sem collectividade. (Apoiados).

N'esta altura fôra avistado o nosso amigo sr. Bazilio, ao côlo do sr. Antonio Paes de Faria, (filho).

Fôra recebido por uma estrondosa salva de palmas.

O sr. Basilio vestia o grande uniforme da Ordem do Terço.

Feita a manifestação, continuára no uso da palavra o sr. Oliveira.

Quer-se uma camara popular, disse elle, uma camara para o povo. Que differença faz ao progresso social que as peixeiras vendam peixe na praça ou assentadas nas ruas publicas? O povo é soberano e senhor de si quando não prejudique seus concidadãos. (Muitos apoiados).

O cemiterio tem o aspecto de bouça, dizem. Já sei... por ter hervas a crescer pelos arruados. Ignorancia! Dizer á herva: não cresças, é o mesmo que dizer ao passaro, não vôes; é suffocar o riso e impedir o choro. (Apoiados).

Affirma-se que as regateiras açambarcam ao

A LAGRIMA

povo, em primeira mão, os generos alimenticios, nos mercados. Isto porque ellas não tem voto! Mas não se repara na significação da palavra commercio. A deligencia deu cabo da liteira; o comboio prejudicou a deligencia; o vapôr o barco veleiro.

Resmungo-se que o jardim de Barcellos, de jardim só tem o nome. Que serve só para sustentar um asylado, o jardineiro, a 300 réis por dia. O desmazelo que cresce ali juntamente com as hervas damuinhas. Ora comprehendendo a existencia d'um jardim nos centros cheios de casario, mas nunca n'esta terra, emmoldurada em massios de verdura.

¿Tambem para que nos serve o matadouro?

A carne não se pôde falsificar. (Muito bem).

O sr. Bazilio, depois de benzer-se ás avessas por causa das bruxas, pediu, em altos gritos, uma torre para a Ordem do Terço e um S. Bento, de pedra. Offereceu um manual de piedade christã ao sr. José Teixeira, servo andante da Santa Casa.

Esta scena commoveu tanto o sr. Antonio Gonçalves, carcereiro, orador publico, que offereceu a madeira do abarracamento das Cruzes para se fazer um theatro e se representar n'elle a «Vaca», do celebre Pisco, cujo producto é destinado á compra d'alguns volumes da «Arte de furta», pelo p.^o Antonio Vieira, para serem distribuidos aos reclusos da Cadeia.

Por ser adiantada a hora, ficou adiada a resolução de varios assumptos para a proxima quarta-feira.

O David Relojoeiro fez uma surpresa aos socialistas. Deitou um foguete de três vistas e três traques. Os traques ouviram-se antes de se disfructarem as vistas.

ARCHIVO DA «LAGRIMA»

Dizia o Pataco sapateiro, ha dias:

—«Fulaço não é mais do que eu.»

Perfeitamente.

Os homens são todos eguaes.

... Mas as acções tornam os homens diferentes.

Sim... porque ha individuos que não se embebedam.

*

Um padre pedante é perigoso para a religião.

*

E' melhor lutar com um homem mau, do que discutir com um homem bruto.

*

Ha espiritos como os melões. O frio enerva-os; o calor mela-os.

*

Quando um finado alumno da Escola Medica, do Porto—celebre pela sua phenomenal bru-

tidade—atacava, pela penna, n'uma inconsciencia torpe, reles, estapafurdia, o actual ministro da Fazenda José d'Alpoim, este jornalista, com talento, despresava-o n'um fino *suelto*, cujo final era este:

«Não digo o titulo do jornal, nem o nome da terra em que se publica, para não fazer reclamo...»

NOTAS DIVERSAS

Em virtude de Camillo Flamarion annunciar que descobriu uma enormissima mancha no sol, cuja extensão é algo maior que a do *globo terraqueo*, trata o nosso amigo Juca de saber se ella pode ensombrar, segundo a sua posição, a propriedade que seu bom pae tem na freguezia de Adães, do nosso concelho.

Para isso já pediu o grande occulo do nosso amigo Augusto Ferreira.

* Uma das preocupações maiores do barcelinense Rodrigo da Silva, 2.^o sargento *Pomada*, é descobrir um monoculo que sirva para os dois olhos dos banhistas d'Apulia.

* Quando ha dias o automovel do amigo Abel Fiuza seguia impavido pela *medonha* legua da Povia, sob a direcção do artista Coelho—aos braços de seu dono—tão abstracto ia Chrysostomo que, lembrando-se de moscas, foi cortar uns ramos de carvalho para os collocar nos... burros do vehiculo.

* Fallando-se n'um hotel sobre a alimentação de mariscos, o Pereirinha disse que o mexilhão era quente.

Apresou-se em desmentil-o o Fernando Marinho provando o contrario: «Veja você—pegando n'um que tinha á mão—como este mexilhão está frio como neve...»

* O nosso poeta-patricio Manuel da Graça livrou por sua conta e risco algumas duzias de recrutas d'este concelho, em Vianna do Castello.

Pouco exigente, quanto a recompensas, pediu a um d'elles que lhe mandasse dous melões.

¿O grande recitador faria aos *corações* dos ditos um soneto?

(...Se o não fez... pelo menos recitou-o...)

* O José Lisboa ao ouvir lêr o titulo d'uma noticia do «Barcellos», penultimo: *Muito grave*, de prompto *traduziu* que muzicalmente, era o dó...

* A Luiza, creada do Falcão, ao offerecer-lhe o Valle uma casaca (albarda), agradeceu, não accetando.

Isto deu-se na nova casa do Compra que foi d'esta villa.

E a proposito o démo da rapariga affirmou que o celleiro que da rua direita para ali mudára, vinha fazer muita differença ao negocio do Vinagre, que lhe fica em frente.

A LAGRIMA

* A Leôa, que é uma rapariga com muita agua-benta e presunção, soube que os photographos, quando tiram o retrato a uma pessoa, em antes, observam-se no *apparelho* se ella está bem collocada,—e que gosam então taes artistas, o espectáculo de ver de pernas para o ar a imagem reflectida.

Que faz a Leôa?

Prende as saias nas pernas.

O photographo não foi capaz de lh'as desprender.

* Os reis, imperadores e presidentes de republica não andam satisfeitos com o risco que correm suas pessoas, devido aos attentados dos anarchistas.

A Rainha, da rua da Estrada, vê-se pouco satisfeita...

* O Vergelin esteve em Vianna, aonde trabalha a Companhia Baptista Machado.

Falla com saudade de scenas *grammaticas* que viu representar o actor Ramalhete.

* O Pass de Faria foi isempto do serviço militar, por passar muito acima do estalão legal.

Estava ali um bom artilheiro!

* O Miscambilha, quando ardia o convento de Villar, ouviu, proximo do cemiterio d'esta villa, distinctamente, o estallar das *traves* e o *ribombo das cubas*.

* O José Marcellino não sabe só muzica, tambem cosinha menos mal.

Sabe dar aos coelhos mansos o sabôr dos bravos, fazendo um preparo de matto (não sabemos se arnal).

Ensinou a receita ao proprietario da padaria dos Afflictoz; este porém nao tomou conta com attenção das observações feitas pelo seu amigo e em vez de fazer o condimento com matto verde, empregou-o secco.

¿Seria da cocheira do Augusto?

* Em casa do Pernica, o sr. Antonio Paes de Faria, comeu tres sôpas de pão de ló.

* Vae brevemente haver um *congresso* veterinario n'esta villa, promovido pelo bom amigo Antonio Araujo.

Está já inscripto o Nabiça, que fallara sobre a cebada no rabo dos burros mortos.

* Realizou-se ha tempos um *pic-nic* nas Caldas do Eirogo, com assistencia de muitos jornalistas da terra, um dos quaes, nosso amigo, nos fazia o elogio do *Kermann*, que ali se bebêra, da seguinte fórma.

—«Ai que bom! Era assim da côr do azeite e tinha um nome esquisito: *quermão*.»

Bebida fina em côrpo grosso!... Não?

A proposito de *bebidas* convém tambem registrar esta.

O Agostinho Severino convidando-nos para beberem um calix de *Kimmell* dissêra:

—«Não vae um calix de Kume?»

E pegava-lhe a lingua na primeira syllaba.

* O nosso collega José Velloso acha que o calix (d'Amargura) deve ser escripto assim: *cut-hic*.

E depois justifica-se, rindo.

—«; Pois nós não devemos distinguir de qualquer fórma o profano do sagrado?»

* O acaso fez com que o *Nevoeiro* mudando para uma casa do C. de S. José ficasse a residir proximo do *Chuwa*.

* O sr. Manoel do Cortinhal deu ultimamente um passeio a Espozende n'uma bycicleta, gastando unicamente n'esse percurso 20 minutos.

Ninguem o havia de dizer! Elle que está afeito aos *vagões* da meial...

* Grandes foram os vultos do Theocrito.

Grande foi Affonso d'Albuquerque.

Grandes... foram os Mathias em ter promovido uma *soirée* n'Apulia, quando ali estiveram ultimamente, na qual se consumiram 17 vintens de trigo em tostas, 2 latas de manteiga, e 2 cantaros de chá.

Esta *soirée* foi concorrida por 4 senhoras.

O *Rodrigo* diz que tomou uma pisorca da tal bebida chinesa.

* Coincencia: os dous capadores que ha na villa de Barcellos, e não são diplomados, têm um só olho cada.

«Na terra dos cegos quem tem um olho é rei.»

* Quem quizer saber quantos *centos* sahiram na loteria ao Antonio Coopertino, multiplique o seu appellido por 20 5000 reis.

... Por isso vimos o pandego regressar da Povoia de Varzim em 1.^a classe.....

* O sr. João Fernandes Duarte vae fazer uso de banhos de mar em Tregosa.

Escandalo

Em Barcellos ainda se vende vinho a tres vintens e meio o quartilho, quando a pipa já se compra a 20 5000 reis.

Chega isto a ser escandaloso, porque se trata do vinho verde *carrascão*, produzido n'este coucelho.

¿Não seria humano que uma cooperativa—protegida superiormente—explorasse a sua venda barata ás classes trabalhadoras?

Ao passo que se dá isto com os vendeiros, n'outro genero de negocio, se está vendo a verdadeira barateza.

E' assim que fica todo mundo espantado que na typographia *Barcellense* junto ao Café Mattos, custe 200 reis, o cento de cartões de visita, impresso, tendo para elles typos lindissimos, chegados ultimamente da fundição

Procure-se o correspondente da «Historia de Portugal», sr. Manoel Faria, para se assignar. 60 réis por semana.